



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS MATEMÁTICA E LINGUAGEM

**MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO DE UM FUTURO PROFESSOR:  
EXPERIÊNCIAS NA GRADUAÇÃO QUE FORAM EDIFICANTES NA MINHA  
FORMAÇÃO INICIAL**

**BELÉM- PA  
2014**

**MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO DE UM FUTURO PROFESSOR:  
EXPERIÊNCIAS NA GRADUAÇÃO QUE FORAM EDIFICANTES NA MINHA  
FORMAÇÃO INICIAL**

CHARLES LUÃ ARAUJO DE ALBUQUERQUE

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado como requisito obrigatório de  
integralização curricular no curso  
Licenciatura Integrada em Educação em  
Ciências, Matemática e Linguagens para  
obtenção do grau de licenciado em Educação  
em Ciências, Matemática e Linguagens

Orientadora: Msc. Maria Da Conceição  
Gemaque de Matos

**BELÉM- PA  
2014**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer a Deus por toda a força que recebi durante todos os anos que passei na graduação. Quero também agradecer a minha mãe e a minha irmã por todo o amor e por todo o afeto que recebo todos os dias e também por toda a força que elas me deram para seguir em frente rumo a minha formação. Gostaria de fazer uma menção especial as minhas amigas da graduação por todo o suporte em estudos, pesquisas e trabalhos que realizamos juntos.

E sem dúvida a todos os professores que contribuíram significativamente para a minha formação inicial através de um curso tão interessante como este e que traz consigo uma perspectiva positiva quanto ao atual cenário da educação básica no Brasil.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem á condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996. Pg. 23)

## RESUMO

O trabalho que ora apresento tem formato de memorial de formação, no qual apresento as experiências de formação que vivenciei ao longo dos quatro anos de graduação no curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará. Este trabalho retrata a formação inicial de professores ocorrido em um curso que traz uma nova proposta metodológica na formação de professores para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental da educação básica, internalizando-a para o exercício de uma eficaz prática docente. Ao longo deste tempo estive em contato com propostas de trabalho diferenciadas para posteriormente serem aplicadas em sala de aula. Este trabalho busca resgatar e registrar os momentos mais significativos em minha formação docente, e como eles me fizeram refletir a minha própria prática enquanto graduando e enquanto futuro professor. Por meio das minhas experiências busco mostrar que impactos as didáticas desenvolvidas no curso tiveram na construção do meu perfil docente e na minha formação pessoal. Não podemos deixar de lado o nosso lado emocional e a história que trazemos da nossa jornada acadêmica. Ou seja, trago neste trabalho reflexões do entrelace do ser profissional e do ser pessoal que foram sendo tecidos no decurso de minha graduação.

**Palavras-Chave:** Formação Inicial; Nova proposta Metodológica; Prática Docente; Perfil Docente.

## ABSTRACT

This article has monography format, which present the training experiences that experienced over the four-year undergraduate in the Bachelor's Degree in Integrated Education in Science, Mathematics and Languages of the Federal University of Pará. This article depicts the initial training teachers place on a course that brings a new methodological approach in teacher education for the early grades of elementary school of basic education, internalizing it to the exercise of effective teaching practices. Throughout this time I was in contact with job offers differentiated later to be applied in the classroom. This paper we look for and register the most significant moments in my teacher training, and how they made me reflect my own practice while graduating and as a future teacher. Through my experiences I seek to show that impact the teaching developed in the course had to build my teaching profile, and in my personal training. We can not put aside our emotional side and the story that we bring our academic journey. In other words, I bring this work interlace reflections of being professional and being personal that were woven during my graduation ..

**Keywords:** Initial Training; Methodological new proposal; Teaching Practice; Teaching Profile.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. PRIMEIRO SEMESTRE NA LICENCIATURA: O INICIO DE UMA JORNADA DE QUATRO ANOS	8
3. OS DESAFIOS DO PRIMEIRO GRANDE TRABALHO	11
4. REFLEXÕES SOBRE SITUAÇÕES INDESEJADAS NO MEU PERCURSO FORMATIVO	12
5. BOLSISTA DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTIFICA: Um novo passo	14
6. O NOVO APRENDIZADO ATRAVÉS DOS ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS: UMA NOVA POSTURA EM SALA DE AULA	16
7. RUMO A BRAGANÇA: Pesquisa na Vila dos Pescadores	22
8. AS MINHAS EXPERIENCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	25
9. ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	28
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
11. REFERÊNCIAS	33

## INTRODUÇÃO

Há uma relação entre a alegria necessária á atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e aluno juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana (FREIRE, 1996. Pg. 72)

Concordando com Freire (1996) considero que no exercício da docência a esperança deve sempre ser um elemento motivador diante dos obstáculos que encontramos ao longo de nossa jornada, que notoriamente não é fácil. As dificuldades perpassam desde a não valorização do poder público pela profissão e por consequência à má remuneração culminando com o descaso social em relação ao professor.

Através deste memorial eu quis retratar o que foi mais significativo para mim na minha formação inicial com base na metodologia adotada no curso onde fiz a minha graduação. O curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens possui uma nova proposta metodologica de ensino diferenciada em relação ao paradigma de formação docente que está instaurado. A nova proposta de formação de professores é pautada em projeto de caráter interdisciplinar integrando-os nos eixos temáticos conhecimentos afins. Sem dúvida que esse é um desafio enorme, já que o atual cenário da educação brasileira ainda encontra-se engessado na formação docente separando os conhecimentos específicos dos conhecimentos pedagógicos.

Porém considero que nós, enquanto profissionais formados através desta nova proposta, teremos que ter consciência e comprometimento de ousar e levarmos essa proposta para o cenário educacional que está posto. Iremos nos enquadrar neste cenário levando perspectivas de mudanças metodológicas em vista de serem aplicadas na sala de aula.

Concordo com Freire (1996, p. 47) quando declara que para um primeiro saber que aponta para a formação docente é de que: *saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção* Ao longo do curso aprendi a ser reflexivo sobre as minhas ações em todos os sentidos. A figura docente que eu construo diariamente sem duvida é de um professor reflexivo e esse é o grande destaque que eu atribuo há esses anos na graduação. Refletir sobre a prática docente não significa apenas refletir em caráter comportamental, mas

também pedagógico e em relação ao contexto.

No curso aprendi que usar a reflexão pode desencadear aulas mais construtivas de conhecimento. Aprendi a ser um professor diferenciado, mas sem distanciar da educação tradicional que comumente é tão criticada. Não é a toa que a esperança está tão próxima da prática docente. E sem dúvida aprendi que o lado pessoal e suas experiências ao longo da vida não podem ser desconsiderados na construção da minha estrutura profissional.

Escrever sobre as experiências que vivenciei na minha formação inicial me impulsionaram para a escrita do meu TCC moldado em forma de memorial. Considero que ao escrever e descrever minhas experiências de formação inicial também é um momento de entrega a um processo reflexivo. A seguir passo a relatar o que destaco em minha formação.

### **PRIMEIRO SEMESTRE NA LICENCIATURA: O INICIO DE UMA JORNADA DE QUATRO ANOS**

Confesso que nas primeiras semanas de aula eu ainda não acreditava que eu era calouro da UFPA, pois, depois de muitas tentativas finalmente consegui a minha vaga tão sonhada. Ao longo do tempo tive que deixar essa empolgação pela conquista obtida de lado para dar lugar aos trabalhos propostos pelos professores. Trago minhas recordações em recortes que me fazem reviver lembranças de momentos que demarcam significativamente minhas mudanças. Delgado (2006) considera que as memórias se constituem um diálogo entre o presente e o passado, vivo e enriquecido.

No primeiro dia de aula lembro que a sala onde estávamos as cadeiras foram arrumadas em forma de círculo e não uma atrás da outra como vivenciei durante toda a minha vida de estudante na educação básica. Antes, eu nunca tinha visto esta proposta de arrumação em uma sala de aula. Desta maneira todos têm a oportunidade de se conhecer melhor e a priori eu lembro que eu estranhei por que em quase toda a minha vida escolar eu sempre sentei nos últimos lugares. Faço esse destaque por considerar que com as cadeiras postas desta forma não existem alunos que sentam atrás ou na frente.

Esta aula aconteceu através do eixo temático Abordagens Curriculares para a Educação em Ciências e Linguagens I e os professores perguntavam para nós o porquê da escolha do curso, e o que motivou a nossa inscrição no curso. Naquele momento, para ser sincero, eu precisei de uns minutos para pensar o que eu iria responder. Eles me

levaram a refletir e a me questionar. Eles me levaram a um pensamento introspectivo permitindo que eu vivenciasse o que Josso (2010) denomina de *caminhar para si*. Destaco como um momento que me permitiu refletir sobre a minha escolha. Não tinha ainda de forma clara como falar para o outro o que havia me levado a escolher o curso. E passei a refletir sobre a minha escolha.

Passo a considerar que minha decisão teve haver com experiências que experimentei, mas, principalmente com a sensação de incompletude que é natural dos seres humanos:

Como seres inacabados, inconclusos, *em e com* uma realidade que, sendo histórica é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão (FREIRE, P. 83-84, 2005)

Nas palavras do autor passo a entender que de forma consciente ou inconsciente passamos a fazer escolhas em nossa história de vida, e nelas que passamos a registrar ações que a nossa incompletude passou a nos impulsionar.

Eu escolhi o curso por que no ano anterior eu tinha trabalhado durante seis meses em uma escola infantil do meu bairro como professor de inglês. Durante quase toda a minha infância e toda a minha adolescência construí o objetivo de ser jornalista, tanto que tentei durante dois anos o processo seletivo sem conseguir êxito. No ano de 2010 recebi uma proposta em forma de convite, através de uma professora desta escola. E ela havia me relatado que a professora de inglês havia se demitido em pleno mês de aulas, ou seja, as crianças estavam sem aula de inglês e eles precisavam urgentemente de alguém para dar aula.

Quase recuei, já que até então eu nunca havia imaginado ser professor. Naquele momento esta não era a minha perspectiva profissional. Eu tenho apenas o certificado de conclusão de curso de inglês obtido de uma escola regular e não na universidade. Como recebi a proposta de trabalhar nesta escola no dia do meu aniversário então eu interpretei que isto poderia ser um presente de Deus na minha vida, e foi.

Trabalhei nesta escola de junho a dezembro, sem ter experiência alguma e também sem conhecer a epistemologia do ensino-aprendizagem. Uso aqui uma expressão popular: Fui com a cara e com a coragem. Aprendi muito durante esses seis meses no contexto profissional e no pessoal. Vivenciei novas experiências.

Ministrei aula para turmas de 1º ao 5º ano, uma das salas mais especificamente do 4º ano tinham 35 alunos e quando entrei pela primeira lá eu não sabia o que iria

encontrar. A maioria dos alunos era muito indisciplinados e não obedeciam nenhum professor. Essa turma foi o meu maior desafio e obviamente a minha maior lida. Naquele momento, eu passei a refletir sobre fazer algum tipo de licenciatura até mesmo de inglês. Em minhas reflexões eu tinha a certeza que, se eu tivesse pelo menos um pouco do que eu considerava de *estrutura de ordem pedagógica* eu saberia sair de muitas situações que eu estava encarando em minhas aulas.

O mês de setembro chegou e as inscrições para o vestibular se iniciaram e lendo o edital encontrei em um dos cursos ofertados pela Universidade Federal do Pará um curso chamado Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens. A proposta formativa do curso era voltada para a formação de professores para atuarem nos anos iniciais do ensino fundamental. Essa referencia já foi o suficiente para que eu me inscrevesse. Tive também momentos de dúvidas já que ser jornalista era o meu grande sonho, porém, eu já estava descrente de ser aprovado e com receio de me frustrar novamente. Inscrevi-me, fiz prova e passei.

Portanto, voltando para o primeiro dia de aula na graduação, quando chegou a minha vez de falar deixei bem claro que o meu primeiro objetivo não era ser professor e sim jornalista, mas que eu estava encarando esse desafio e muito disposto a aprender. Então contei a minha história e do meu trabalho na escola infantil e naquele momento eu achava que já tinha experiência docente, porém vi que estava completamente enganado.

Dentro de algumas semanas os professores responsáveis pelo eixo temático Abordagens Curriculares para a Educação em Ciências e Linguagens I viraram os grandes modelos de docência para mim desde a postura docente humana e ética ao conteúdo que eles estavam ministrando. Por isso, concordo com Freire (1996, p.65) quando diz que: *A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande* (FREIRE, 1996. Pg. 65).

Os professores passaram o nosso primeiro trabalho para ser apresentado, tínhamos que ler o livro “Documentos de Identidade” e dividir os capítulos entre grupos. Lembro que o texto era sobre a crítica neomarxista de Michael Apple nos currículos escolares e quanto à educação no geral. Eu não sabia nem por onde começar a leitura a sorte foi que fiquei em um grupo muito unido composto por mim e mais quatro colegas, que até aquele momento eu não as conhecia. Lembro que os professores pediram que os grupos construíssem um *Slide* e o levassem em um *Pen Drive* para colocarmos no *Data Show*.

Eu não fazia ideia de como construir um Slide e de como usar um Pen Drive e tive que aprender o manuseio de ambos em questão de dias e quem me ensinou foi a minha irmã que já estava acostumada com o uso de ambos. Enfim, quando chegou o dia da nossa apresentação foi uma mistura de ansiedade e realização, já que a mais recente apresentação que eu havia feito foi no 3º ano do segundo grau, há cinco anos. Depois que apresentei eu achei a apresentação formidável, hoje vejo que foi péssima por inúmeras razões, mas acho que só evolui graças aos erros cometidos nessa primeira apresentação já que ela foi praticamente o ponta pé inicial dessa jornada.

## **OS DESAFIOS DO PRIMEIRO GRANDE TRABALHO**

Ao longo desses quatro anos na graduação muitos trabalhos foram significativos desde sua construção até a finalização. Em 2011 quando iniciamos a graduação me sentia intimidado com algumas propostas de trabalho. O meu discurso era de que ainda tínhamos a mentalidade de uma pessoa recém-saída do ensino médio e de que os professores tinham que ter paciência por conta disto. Mais uma vez eu estava equivocado. Se os professores esperassem o momento certo para introduzir esses trabalhos acadêmicos quando chegaria esse momento? E que momento certo era esse? De forma natural esse momento chegou.

No primeiro semestre através do eixo temático Prática Antecipada a Docência em Espaços Não-Formais de Ensino de Ciências e Matemática, então foi proposto que teríamos que realizar uma aula passeio, realizar uma aula em um espaço não-formal. Através de sorteio cada grupo foi deslocado para os seguintes lugares: Feira do Guamá, Museu, Planetário e Praça da República sendo o último sorteado para o nosso grupo. Nós tivemos o tempo hábil para a realização deste trabalho e montamos nossas estratégias, que incluía: conseguir mudas de plantas para dar para cada um dos alunos participantes; uma tenda onde as crianças ficariam para realizar tarefas escolares ligadas ao passeio realizado; lanche; etc. Lembro que um dia antes da aula passeio ainda não tínhamos conseguido as mudas de plantas, só faltava isso. Conseguimos o número de telefone de uma pessoa responsável por cuidar das mudas de planta da Embrapa PA e em algumas ocasiões eles faziam doação das mesmas, fomos para lá no meio da tarde e conseguimos cerca de 20 mudas e lembro que o peso que carregamos foi imenso, cada um de nós levamos cinco mudas para levar no dia seguinte na Praça da República.

Pela manhã do outro dia começava-se a aula, cerca de 20 crianças do 4º ano participaram da atividade, quando os alunos chegaram fizemos um trajeto pela praça

contando os fatos históricos da praça, cada componente da nossa equipe ficou responsáveis por um ponto. Eu por exemplo, fiquei responsável por contar a história do Teatro Valdemar Henrique e quando chegou o momento da minha explicação perguntei aos alunos se eles já tinham entrado lá para ver algum espetáculo e para a minha surpresa alguns alunos já tinham até se apresentado no teatro e a partir desse conhecimento prévio dos alunos eu introduzi e apresentei a história do lugar que é tão importante para a cultura paraense. Lembro que estudei muito por que a história do teatro possui muitos detalhes e me planejei para que as crianças não ficassem confusas com os fatos e também por que os professores responsáveis pela atividade estavam conosco nos avaliando em tempo real.

Apesar de este trabalho ter sido desenvolvido no primeiro semestre, considero este um dos mais importantes trabalhos que fiz na graduação em todos os sentidos e determinante quanto à prática docente, por isso faço relação com que Pimenta (1997) diz:

Dada à natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva, nos alunos, conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem, permanentemente, irem construindo seus saberes fazeres docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prática social, lhes coloca no cotidiano (1997, Pg. 6).

No final da atividade eu me dei conta de que eu estava me tornando um professor até então eu me sentia apenas como um estudante. Naquela atividade, eu vi o quanto um grupo unido faz a força e quanto há o empenho traz recompensas imediatas. Mesmo sem saber a nota que havia obtido eu estava realizado com o final daquela atividade. Com todas as dificuldades que tivemos me agregou muitos valores nesse início de curso. Através daquele trabalho eu atuei como professor pela primeira vez desde o início da minha graduação na UFPA.

## **REFLEXÕES SOBRE SITUAÇÕES INDESEJADAS NO MEU PERCURSO FORMATIVO**

Aquele trabalho foi uma prova de fogo, já que tínhamos que estar unidos em todos os momentos do trabalho, ali, eu vivenciei uma experiência que me mostrou a importância de ter ao meu lado companheiras de trabalho tão empenhadas, e quanto eu também estava empenhado no desenvolvimento do nosso trabalho.

Coloco destaque nesse momento do meu curso em função de já ter vivido outras experiências em espaço de aprendizagem que me deixaram lembranças ruins. Dois anos antes de eu ter entrado na UFPA fiz o curso técnico de Estradas no Instituto Federal do Pará - IFPA, em resumo, o meu trajeto por lá foi traumático e por inúmeros motivos considero que mais um ambiente escolar fracassou na minha vida. Eu tinha um verdadeiro pânico disso acontecer comigo na UFPA. Considero que não conseguir lidar com a cruel disputa pelo mercado de trabalho já que nesses cursos técnicos estamos muito próximos de galgar alguma vaga de emprego. Lembro que tentei até onde eu pude, mas a desunião da turma e a falta de confiança me deixaram cada dia mais distante do curso.

A experiência que tive no IFPA me deu motivo para ir embora e quando eu entrei na UFPA temia que isso se repetisse, já que antes de entrar eu ouvi muitos relatos que a convivência com colegas de faculdade não era das mais fáceis e que os desentendimentos eram comuns. Tudo que me relataram é fato, porém, suportável.

Fazendo uma reflexão sobre os anos que passei na graduação ficou bem claro o tipo de professor que eu quero ser e o tipo de professor que eu não quero ser. E também o tipo de pessoa que eu quero ser e o tipo de pessoa que eu não quero ser. Somos seres humanos e sempre estamos em processo de formação, temos nossos defeitos e virtudes, o trajeto pela universidade faz com que você passe por várias situações e isto ao longo do tempo causam mudanças no indivíduo. Ser honesto, responsável, ético, são fatores importantes na formação de qualquer cidadão.

Um professor lida de forma direta com pessoas, com a formação, com vidas humanas e se ele não tiver sensibilidade no seu dia-a-dia com as pessoas de nada adianta ele estar exercendo essa função. Mudei muito minhas atitudes e forma de ver o mundo nas múltiplas experiências que vivi na minha graduação. Hoje, considero que como pessoa amadureci muito. Considero que para ser professor preciso me permitir está sempre em constante aprendizagem.

Desta forma faço destaque ao trecho do Nóvoa (1992) quando diz:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (1992, pg. 13).

Convivi com exemplos que quero manter ao longo na carreira como professor, mas, vivi também momentos que trago como experiência retrograda para a postura docente no século XXI. Considerando que a proposta pedagógica do curso é diferenciada também encontrei algumas posturas docentes retrogradadas, as quais considero muito parecidas com as que eu vivi na minha vida escolar na educação básica. Uma perspectiva positivista e não dialógica.

Entretanto essa experiência tem também importância em minha formação. Nessa experiência encontrei o exemplo do professor que não quero ser. Entendo que, para minha formação enquanto docente não há nada melhor do que ver os alunos expressando e deixando que isso seja uma forma que possa ajudar a ambos os lados.

Essa é a face do Ensino Bancário que é tão criticado por Paulo Freire, esse é o paradigma que queremos vencer. Concordando com o autor faço destaque:

É isto que nos leva, de um lado, á critica e á recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenecer: em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, à volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo” (FREIRE, 1996. Pg. 25)

A minha vida escolar não foi uma das mais agradáveis, porém, acredito que isso fez ser quem eu sou. Passei por situações constrangedoras por causa do *Bullying*. E essa experiência construiu o que eu sou hoje. Por isso cito Nunes (2003) que diz:

As trajetórias escolares e as memórias de formação são lugares privilegiados de construção do entendimento. São experiências intensas de exposição e autoconhecimento, de descoberta dos laços entre a memória pessoal e social. (2003, Pg. 13).

Quando eu entrei na UFPA vim com pequenas marcas desse passado até então recente em minhas lembranças e a cada ano que passa está mais distante. Os anos da graduação estão possibilitando distanciar essas lembranças. Minha formação inicial passa a construir além do professor um novo cidadão.

### **BOLSISTA DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: Um novo passo**

Em julho de 2012 abriu uma vaga para bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e até então eu não tinha me identificado com nenhuma das ofertas de

programas que tinham sido oferecidas para os alunos da graduação. Eu sabia pouco sobre o PIBIC, sabia que era uma bolsa de estudos onde teria que desenvolver um projeto junto com o professor responsável pela bolsa de estudos. Fiz a entrevista e passei, neste momento eu não era apenas estudante e sim bolsista de um dos programas científicos mais importantes.

O projeto era montar uma história em quadrinhos que tivesse a matemática como pano de fundo, uma história em quadrinho onde envolvesse português e matemática. O prazo para desenvolver o trabalho era de aproximadamente duas semanas, pelo menos para desenvolver o esqueleto da história. Como o curso é a integração das ciências, matemática e linguagens então eu não poderia fugir deste fato. Então, eu propus uma história intitulada “A união de dois mundos”.

O quadrinho consistia na história de dois garotos. Um indígena que vem para a cidade grande estudar e o outro um garoto da cidade grande. Por coincidências do destino estes dois garotos começam a estudar na mesma sala de aula. Nesse momento há o encontro de dois mundos bastante distintos. No desenvolvimento do projeto o professor pediu para que eu pesquisasse materiais sobre matemática indígena para que o trabalho ficasse mais fidedigno ao personagem indígena e esse foi um grande desafio já que eu nunca tinha ouvido falar nada sobre matemática indígena. Eu comecei as minhas buscas pelo tema, mas também eu tinha que inserir a matemática usada na sala de aula.

Na minha vida escolar eu sempre tive muita dificuldade com matemática, em geral ficava em recuperação. Isso se estendeu até o ensino médio. Toda a dificuldade que eu tinha com a matemática voltou à tona na construção do projeto, e aí chegou um momento em que eu não conseguia desenvolver nada, parecia que eu estava congelado.

Em um dado momento do projeto eu fiz uma espécie de retorno às lembranças de minhas dificuldades em matemática e tentar superá-las, nesse sentido cito Clarisse Nunes que afirma:

Importante também é o uso pedagógico das trajetórias escolares e das memórias docentes que permitem a passagem de uma memória pessoal à história da sociedade e da educação, trânsito esse tão frutífero para a compreensão de si mesmo e do mundo, já que jogamos luz, através desses instrumentos, no processo de tornar-se pessoa, sítio de vivências, de educadores que trazemos internalizados e cuja influência sobre nós às vezes não enfrentamos. (2003, Pg. 13).

O professor orientador percebendo minhas dificuldades teve a ideia de unir os bolsistas do projeto PROINT para nos ajudar neste projeto e foi ai que a história em quadrinho deslanchou.

A apresentação para a banca foi apreensiva, porém, refletindo foi uma honra ter participado da bolsa e estar ali apresentando esse projeto que durou um ano, foi incrível essa experiência, foi algo marcante não só para a mim enquanto graduando em formação inicial, mas também como futuro professor já que tive a oportunidade de usar histórias em quadrinhos em minhas aulas de matemática. Trabalhar com a história em quadrinho foi à descoberta de uma nova ferramenta para o ensino da matemática. Essa experiência foi marcante em todo o seu contexto.

### **O NOVO APRENDIZADO ATRAVÉS DOS ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS: UMA NOVA POSTURA EM SALA DE AULA**

O primeiro estágio obrigatório tinha o objetivo de permitir os graduandos que exercessem a prática docente em sala de aula onde tínhamos que montar atividades e pelo menos ministrar uma aula interdisciplinar. Este primeiro estágio foi realizado na Escola Municipal Silvio Nascimento localizado no bairro da Condor região metropolitana de Belém. Eu fiquei em uma sala do 5º ano (4ª série) no turno da tarde, a sala em questão tinha o número exato de 28 alunos das mais diversas idades. Eu ainda não tinha feito nenhum tipo de estágio na graduação e não fazia ideia da sua concepção e como seria. Vi o Estágio Temático como algo de suma importância para a minha formação inicial. Para Pimenta & Lima (2007, Pg.6) *o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas.*

Os referidos autores me permitiram refletir a perspectiva social que eu encontrava naquela turma, com um grupo de alunos com idades diferentes em um dado contexto social. Aquele seria o meu primeiro momento de interação dos conhecimentos que vivenciei no curso e que levava para a sala de aula, ou seja, em um ambiente formal de ensino, já que anteriormente eu já havia feito uma atividade em um espaço não formal realizado na Praça da República.

A Escola Municipal Silvio Nascimento dispõe de uma boa infraestrutura, é uma escola de certa forma organizada. A sala em que eu estava realizando o estágio era pequena para a quantidade de alunos, porém eu vi que havia salas bastante amplas. A escola conta com uma boa equipe de pessoas que trabalham em prol do bom

funcionamento da escola. Confesso que para mim foi uma boa surpresa encontrar uma equipe tão competente e que está sempre trabalhando para se ter uma boa administração no dia a dia.

O trabalho feito no estágio foi muito importante, pois este foi o momento que me confrontei com a realidade escola e ancorado pelas teorias que eram empregadas na graduação, este era o momento de encontrar a real identidade docente contida em mim que até então eu não tinha conhecimento do que realmente era.

Por isso que a expectativa no Estágio Obrigatório foi tamanha, nesse sentido cito Pimenta (1997) que diz:

Espera-se, pois, que mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática, necessários à compreensão do ensino como realidade social e, que desenvolva neles, a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazer docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores. (1997, Pg. 6).

Acredito que o trabalho desenvolvido no estagio foi de amplo aproveitamento para mim enquanto graduando e digo isso em todos os sentidos, desde como lidar com uma turma complicada, ver como o professor se comporta em diversas situações, como ele sai de um momento conflituoso, de como a turma se acostuma com a sua presença através do dia a dia. Tudo isso foi muito agregador para mim. A turma era muito complicada e tem essa fama na escola, no dia da nossa apresentação, na hora da divisão dos docentes para cada sala, eu acabei aceitando o desafio de estagiar em uma turma com alunos ditos “mais velhos”, que geralmente é negada pela maioria dos estagiários.

Aceitei esse desafio e digo que se for estagiar de novo manifesto o interesse de voltar para uma sala de 5º ano. Achei-os ágeis e muito perspicazes. É uma turma de alunos agitados deixando facilmente tudo fora de controle. No meio de todo esse caos há alunos que se destacam de maneira especial, nas aulas de matemática enquanto eu ajudava um aluno outro se dispunha a ajudar algum outro precisando de ajuda. Nas aulas de ciência ocorria a mesma coisa. Esse foi um momento que realizei amplas pesquisas e estudei bastante, por que haviam coisas pelas quais eu tinha muitas dúvidas então como eu poderia ensinar algo com propriedade, porque segundo Pimenta (1997, pg. 9) *didática é saber ensinar*.

Conversa com a professora agregou informações da realidade que ela vivência em seu fazer docente e do contexto social daquela escola. Ela foi me relatado que aquela área sofre muita influencia de todos os malefícios da violência. Segundo a professora, muitos jovens deixam de estudar para envolver-se no mundo do crime, e, pelo o que eu percebi a escola se empenha muito para que os alunos tenham um futuro digno em relação aos estudos. A escola se localiza em uma área de periferia, e como sabemos a realidade que permeia a escola apresenta problemas sociais e de segurança.

Através da prática docente obtida no Estágio Obrigatório tudo foi levado em consideração desde a minha postura em sala de aula até aos conteúdos ministrados em sala de aula, portanto concordo com Pimenta (1997, Pg. 11) ao dizer que:

Nas práticas docentes estão contidos elementos extremamente importantes, tais como a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações de ensino complexas, as tentativas mais radicais, mais ricas e mais sugestivas de uma didática inovadora, que ainda não está configurada teoricamente.

Para mim o mais agregador foi à convivência com a sala de aula em seus prós e em seus contras. Foi muito importante prezar pelo bom relacionamento com a professora, com os alunos e com todos que trabalham na escola. O maior desafio foi driblar situações ruins e tentar reverter diversas situações. Foi muito positivo refletir em variados aspectos tanto educacionais como sociais por isso cito trago Ghedin et al (2008, p. 78) *a reflexividade crítica sobre as práticas e as experiências cotidianas da escola adicionada à atividade da pesquisa viabilizam a reformulação da identidade do professor, como profissional e como indivíduo.*

Concordando com os autores, considero que na medida do possível procurei ter o melhor empenho possível, acho que fiz um bom trabalho, aprendi muito durante todo este tempo. Refletir de forma crítica sobre a realidade do espaço escolar que vivenciei. Na conversa com a professora e com os alunos eu conseguia ver o outro lado da realidade escolar, agora eu não estava ali como aluno da escola e sim como futuro professo que observa a escola, então, tive que ter uma sensibilidade muito grande para tal.

Da professora vi um cansaço, mas também muita esperança de perspectivar um grande futuro para aquelas crianças. Através dela eu soube a verdadeira realidade daquele local, e através das crianças eu também pude ter um bom panorama desta realidade. Era a mesma realidade, mas, sob olhares diferentes, o da professora e o dos

alunos. Obviamente haviam crianças com múltiplas personalidades, e isso foi agregador para mim. A forma como tratar cada uma delas torna-se diferente. Isso para minha formação foi muito importante. Aqui vislumbro um momento de grande aprendizagem.

Eu não poderia falar com um menino de 15 anos da mesma forma como se eu falava com um de 9 ou 10 anos. Então tudo para mim foi agregador e pude absorver a realidade da escola que estava ao meu redor. Enquanto professor eu tenho que usar oportunidades como esta para crescer de forma didática e usar isso não só ao meu favor, mas também para o crescimento dos alunos que eu irei trabalhar.

Na escola nada me incomodou muito, quando alguma situação ruim acontecia, eu tentava de todas as formas reverter e se possível de maneira pedagógica. Portanto, considero que essa rica experiência possibilitou vivenciar o que relata Pimenta & Lima (2007, pg. 12) *esse processo de ensino e aprendizagem é composto de conteúdos educativos, habilidades e posturas científicas, sociais, afetivas, humanas, enfim, utilizando-se de certas mediações pedagógicas específicas.*

Ainda nesse espaço escolar ministrei uma aula que foi muito importante para mim já que eu fiz todo o planejamento e quando vi a minha aula seguiu de forma completamente oposta. Eu dei uma aula de Matemática com o uso de encartes de lojas, essa era uma aula sobre porcentagem, porém a turma se dispersou muito na minha aula. Não foram todos, já que muitos se utilizaram muito bem da atividade e naquele momento eu refleti muito sobre a minha postura e a minha didática enquanto professor. *Com confusão e incerteza é impossível aprender sem ficar confuso* (SCHON. 1992, pg. 7).

O segundo estágio foi realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Antonio Carvalho Brasil situa-se na Avenida Alcindo Cacela Nº 3743, bairro Condor. Situa-se em um bairro periférico próximo ao centro da grande Belém. Atualmente a escola funciona com oito salas de aula nos três turnos, há um Laboratório de Informática, uma Sala de Leitura. Está composta administrativamente por um Diretor, seis coordenadores pedagógicos, uma secretária, cinco auxiliares de secretaria. Em relação ao quadro de apoio tem duas merendeiras, dois porteiros e sete serventes e o corpo docente está completo com vinte e um professores.

Este foi o segundo estagio que realizei e houve muita diferença entre os dois espaços escolares, tanto negativos quanto positivos. A escola que estagiei no ano passado dispunha de uma boa infra-estrutura, porém vi muitos erros em sala de aula, por

conta da didática adotada pela professora em questão, neste ano na Escola Antônio Carvalho Brasil foi totalmente ao contrario, como já foi dito eles dispõe de uma infraestrutura muito precária, e com outras condições de ensino adotado pela professora.

O trabalho que eu desenvolvi no estágio obrigatório foi muito significativo para minha formação enquanto futuro professor considerando que estou prestes a me formar. Aprendi muito no estágio passado e neste só dei continuidade a tudo que vinha aprendendo. Foi possível observar que o professor é preponderante em todos os sentidos, desde o interesse da turma no momento da aula, até o respeito aluno-professor. Analisei muito a forma como a professora se comportava em sala de aula, e digo que para mim foi muito proveitosa esta analise, por que ao mesmo tempo em que ela era severa também deixava os alunos muito conscientes de seus atos.

Essa identidade docente emerge de diferentes maneiras e acredito que sei qual é a minha, construo a cada dia a postura de um professor reflexivo e critico quanto a sua própria prática e quanto à postura e atitude de outros professores, é bastante interessante observa-los, ainda mais quando é tão diferente da sua. Trago como referência Pimenta. (1997, Pg. 6) ao dizer:

A identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas, é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão de professor, como as demais, emerge em dado contexto e momento históricos, como resposta a necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade.

Na minha formação inicial foi possível perceber como o processo de construção identitário vai ocorrendo na história de cada docente. Vejo um cansaço muito grande nos professores que atuam nas séries iniciais, e isso me deixa um pouco aflito quando penso na profissão á longo prazo. Por mais que o professor tenha amor à profissão, o cansaço acaba extrapolando. O que mais me chamou atenção é que o professor é a figura central dentro de sala de aula, ele é o protagonista em diversos momentos, a professora me demonstrou uma força muito grande apesar de alguns problemas de saúde que ela estava enfrentando.

Ao longo desses três anos que estou na universidade eu li muitos autores que empreendiam críticas severas a educação que preza apenas por conteúdos. Para muitos não da à liberdade de fazer o aluno ser crítico e a pensar de forma significativa. Eu não sei se esse é um método adotado pela escola, porém acho que de certa forma está tendo resultados satisfatórios, a professora me mostrou algumas provas que eles tinham feito e

as notas estavam muito além do esperado. É claro que muita coisa deve ser mudada principalmente em ordens de infraestrutura, em termos didáticos acredito que a professora poderia usar outros métodos que pudessem ser dinâmicos e atrativos. Durante o meu período de estágio ela só deu aula escrevendo no quadro.

Por mais que tenhamos subsídio teórico ao longo da graduação acredito realmente que o professor é o protagonista de sua própria docência levando em consideração muitos fatores para tal, nesse sentido me apoio em Pimenta (1997, Pg. 7) que diz:

Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias, constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor.

A graduação é o caminho para o professor se encontrar em múltiplos sentidos, e o estágio faz parte disto, inclusive eu encontrei uma situação que eu nunca tinha visto antes. Tratava-se de uma aluna que possuía dificuldade de aprendizagem em leitura, ela escrevia e não sabia ler. Porém ela conseguia escrever tudo que a professora colocava no quadro, ou seja, ela fazia uma reprodução daquela escrita.

Naquela situação me dispus a ajudar. No início fiquei sem reação, já que nunca tinha visto e nem lidado com algum aluno com este problema. Primeiramente pedi ajuda para uma professora do nosso curso de graduação e ela me orientou sugerindo que eu lesse o Pro Letramento de Língua Portuguesa e também que eu trabalhasse com histórias em quadrinhos. Eu trabalhei apenas uma sexta-feira com esta aluna e vi que ela realmente precisava de uma atenção especial.

O mais curioso é que a escrita desta aluna é praticamente perfeita, possuindo uma caligrafia satisfatória. Desenvolver um trabalho com ela foi muito difícil, eu não sabia qual a abordagem adequada para com ela. Considerei que não poderia ser uma simples aula, já que o caso dela era muito complexo. Considero que eu teria que ter uma proposta metodológica diferenciada para trabalhar com ela e assessoria de outros profissionais.

Nesses meses do estágio, posso dizer que tive uma ótima relação com a professora, quando eu me apresentei a ela senti um pouco desconfiada e ríspida. Porém,

depois e ao longo do tempo nos demos muito bem. Conversávamos sobre vários assuntos e assim foi possível criar uma maior interatividade com a professora. Dessa forma foi possível em vários momentos um contar com o outro, tanto ela me pedindo ajuda e muitas vezes eu também pedindo ajuda. Em algumas situações eu não sabia como agir, principalmente nos de ordem comportamental.

A minha relação com os alunos das duas turmas foi muito boa, da mesma forma como eles tinham respeito pela professora eles tinham por mim também, não passei nenhum episódio constrangedor ou algo semelhante a isto, fui muito bem recebido por eles. Nos primeiros dias eles te analisam, olham desconfiados e expressam muita timidez, depois este quadro se reverte de maneira positiva, como eu disse anteriormente, eles dificilmente me pediam ajuda, eu apenas ia passando de carteira em carteira para ver se eles estavam escrevendo o que estava no quadro.

A maior lição que tive foi à surpresa de ver um método considerado tradicional surtir efeito. É claro que outras propostas poderiam ser utilizadas, mas vi que o desempenho dos alunos estava muito bom. Digo isso, por que o ensino tradicional é visto como algo fracassado onde os alunos não possuem domínio do conteúdo ministrado pelo professor, mas através deste estágio obrigatório vi que isso não é totalmente verídico.

Em outras oportunidades vi professores utilizando métodos novos sem obter êxito. Não há receita do que deve ser feito na docência, o que é bom para uns, pode não ser bom para outros e vice versa. Não há um padrão pré-definido. Eu criticava muito esse tipo de método e através desta vivencia no estagio percebi que o ensino tradicional deve ser respeitado.

Às vezes ao analisar a prática de outro professor agrega muito na sua própria pratica, concordo com Freire quando diz:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 1996. Pg. 39).

Quando faço destaque para os momentos de estágio, faço por considerar importante na perspectiva de um olhar crítico em relação à realidade de sala de aula e dos espaços escolares que vivenciei. Essas experiências podem possibilitar modificar

minhas futuras práticas docentes. Ao longo da minha atuação como professor elas serão sempre lembradas. Além do reflexo e da criticidade que naturalmente empregamos e fazendo relação à postura da construção da postura de um professor reflexivo faço relação ao que diz Pimenta (1997, Pg. 12) *a formação de professores reflexivos compreende um projeto humano emancipatório*.

### **RUMO A BRAGANÇA: Pesquisa na Vila dos Pescadores**

O eixo temático intitulado Pesquisa Orientada em Ambiente Escolar e Comunitário II que se iniciou no mês de novembro de 2013 veio com a intenção de os alunos da Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens de ter a oportunidade de exercer um trabalho de investigação em comunidades distintas como a dos Quilombolas, Pescadores e Extrativistas de Açaí. Mais precisamente para os municípios de Cachoeira do Piriá, Bragança, Vigia e Igarapé Miri. Quando o eixo teve início confesso que achei o tempo muito escasso para esse tipo de atividade, já que para a realização do mesmo precisa-se ter uma estrutura significativa, apesar das leituras que foram disponibilizadas.

Quando os grupos foram divididos eu não estava presente, e por esse fato não pude fazer trabalho com equipe na qual estou acostumado, fui posto num grupo com duas pessoas nas quais nunca realizei trabalhos anteriores. Fiquei muito receoso por esse fato, já que a turma que faço tem muitos subgrupos desde o início do curso, ou seja, eu não iria fazer esse trabalho com nenhuma pessoa pelo qual estou acostumado a fazer.

Para a minha surpresa a interação com as minhas companheiras de equipe foi muito boa, melhor impossível, conseguimos nos entender de forma suficiente para o bom andamento do trabalho. E antes da viagem essa interação já tinha começado e acredito que foi muito bem sucedida.

A primeira apresentação foi sobre um texto de pescadores do sul do Brasil, e através desse texto já tínhamos uma noção do tipo de pesquisa que iríamos realizar em Bragança. A realidade em que essa pesquisa foi feita é muito diferente do que encontramos aqui. E acredito que textos ou pesquisas feitas no Norte do Brasil seriam mais bem utilizados, porém essa leitura que foi recomendada foi de muita utilidade por todos da equipe. Além de outras leituras e referenciais trago para este texto a referência de Gonçalves (2011, pg.66) quando afirma que: *Nenhuma metodologia é encontrada*

*pronta e cabe ao pesquisador encontrar o melhor caminho para a compreensão do seu objeto de pesquisa.*

Fomos rumo a Bragança e realizamos nossa pesquisa em quase dois dias. Eu verdadeiramente não sabia o que eu iria encontrar lá e digo que superou qualquer expectativa prévia que eu poderia ter. Superou de forma ruim quanto à pobreza que encontramos. Deparamos-nos com pessoas que precisam urgentemente de ajuda, tanto ao que se refere à agenda sócio ambiental quanto às condições mínima para a dignidade humana. Em nosso relatório colocamos quase todos os itens que eles precisam emergencialmente, e são muitas coisas. Em muitas entrevistas me senti de certa forma um pouco constrangido ao entrar na casa daquelas pessoas, coletar aquelas informações, conhecer um pouco da vida dos mesmos e não trazer para eles nenhum retorno. Em algumas entrevistas eu me desculpei pelo fato de não poder voltar para ajudá-los. Mesmo sabendo que não retornaríamos ou trazer algum tipo de ajuda ou melhoria para a comunidade os pescadores participaram de forma muito solícita, nesse sentido reflito junto com Gonçalves (2011, Pg. 61) que diz: *O pesquisador busca conhecer, porque tem objetivos previamente definidos e o entrevistado decide participar porque tem algum motivo/ motivação para isso.*

Os pescadores já estão acostumados com esse tipo de pesquisa. As pesquisas ocorrem e nenhum retorno é dado para a comunidade, mas, mesmo assim eles ainda ficam na expectativa de algum tipo de retorno. Eu espero que os nossos trabalhos que foram executados através desse eixo possam de alguma forma crescer e se tornar algum tipo de ajuda ou benefício para essas comunidades.

No rumo para a Vila dos Pescadores passamos pelo vilarejo chamado Bonifácio que possui escola e posto de saúde, o que não encontrei na vila de pescadores. A Vila dos Pescadores a situação é preocupante, é quase em um estado miserável. Eu estava receoso com uma questão: será que os pescadores iam ser receptivos conosco? A primeira entrevista eu fiz junto com uma das integrantes da equipe, encontramos-lo no meio da rua e ele foi muito receptivo, porém, tínhamos acabado de chegar e ainda iríamos fazer essa pesquisa adentrando a casa dos outros entrevistados, e esse receio continuou. É claro que no início todos nós estamos com certa timidez. Para a minha grata surpresa eles foram extremamente simpáticos.

Esse foi o fator que ajudou o trabalho fluir e dar certo, no final de algumas entrevistas confesso que fiquei emocionado com a hospitalidade da maioria deles. Eles responderam de forma simples todas as perguntas, porém de forma clara. A maioria das

entrevistas virou uma conversa informal maravilhosa, quando cheguei disse que faria as entrevistas no máximo de tempo por volta de quinze minutos. Entretanto duas entrevistas, para ser específico, duraram uma hora e meia.

O interessante nesta pesquisa é que a equipe se dividiu pela Vila, só ficamos juntos em um único momento e depois cada um foi para um lado e isso foi muito preponderante, já que cada um encontrou realidades distintas. Depois de cada dia de entrevista conversávamos sobre o que tínhamos encontrado, sobre curiosidades e informações. Na área em que eu estava à maioria dos entrevistados dizia que não havia associação ou colônia, já para uma das integrantes a maioria dizia que tinha e alguns deles até pagavam uma mensalidade de R\$10,00.

A Vila dos Pescadores é muito pobre e na parte em que eu fui era mais pobre ainda não havendo nenhum tipo de coleta de lixo, serviço de água e esgoto ou outros serviços de algum órgão público. A maioria das pessoas que eu entrevistei tinha parado de estudar na 4ª série (5º ano). O questionário foi montado para que construíssemos uma agenda sócio ambiental e fizemos perguntas diretas e de simples entendimento, porém ele teve que ser reformulado ficando difícil a sua compreensão no momento então eu tive que reformular quase todas as perguntas por que se eu fosse ler como estava no papel os pescadores dificilmente entenderiam.

Para mim essa foi uma das maiores experiências da minha vida, eu nunca imaginei que eu me envolveria tanto com esse projeto, e também nunca imaginei que eu ficaria tão emocionado com a recepção que recebi dos pescadores. Eu consegui ver que eles tinham muita esperança que aquela pesquisa, que a pesquisa pudesse trazer alguma melhoria para eles, que alguém visse de perto aquela realidade tão sofrida. Em algumas casas que visitei fui recebido como se eu fosse um amigo ou um parente tamanho a receptividade que recebi claro que no começo das abordagens eles se mostravam um pouco tímidos, porém passados alguns minutos já estávamos conversando como se já nos conhecêssemos há muito tempo, lógico que isso não aconteceu em todas as residências, mas isso aconteceu na maioria delas.

Lembro ainda hoje que quando voltei para casa estava marcado em minhas lembranças, com muito carinho, toda essa experiência que vivi em Bragança, sem dúvida que isso me agregou muito em todos os sentidos. Por esse envolvimento que tive nesta pesquisa concordo com Souza (2011, Pg. 47) quando diz: *o papel do pesquisador não pode limitar-se a tomar notas, pois sua tarefa é a escuta sensível na qual percebe*

*os componentes e dimensões relevantes na vida dos sujeitos que lancem luz sobre as práticas as problemáticas construídas.*

## **AS MINHAS EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

A minha primeira experiência docente na Educação de Jovens e Adultos foi do eixo temático Compreensão e Explicação dos Processos de Desenvolvimento e da Aprendizagem I. A base do trabalho teve a intenção de investigar como os professores utilizam as teses de Vygotsky dentro de sala de aula orientado pelo seguinte questionamento: “Será que os professores usam as teorias Vygotsky em sua didática em sala de aula?”. Três momentos da construção do projeto foram apresentados: um tratando da teoria do autor russo; outro investigando se é utilizada a teoria dele, pelos professores dos anos iniciais analisado por nós estudantes da graduação feitos em duas salas de EJA; por último, nossas considerações sobre o que aprendemos com a pesquisa.

Quando a pesquisa começou vi que a postura dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos é totalmente diferente de qualquer docente atuante nas séries iniciais, além de educadoras essas precisam ser professoras motivadoras. É de conhecimento geral que as turmas de EJA sofrem uma grande evasão ao longo do ano, então essa motivação dentro de sala de aula é muito importante.

No primeiro dia de observações foi de aula e na conversa com a turma as professoras usaram palavras como: amor e fé para definir o que elas sentem quanto ao ato de ministrar uma aula, usam sempre palavras extremamente motivadoras para que os alunos sigam em frente e não desistam ao longo do caminho. E enfatizaram que este é um caminho árduo, difícil e às vezes sofrido, porém ambas se colocaram a disposição destes alunos na continuidade desta caminhada.

Os alunos se apresentaram e contaram suas histórias de vida, a maioria trabalha e vem do serviço para a aula. Uma das alunas contou que a primeira coisa que ela aprendeu a ler foi “Ministério do Trabalho”, há anos ela passa na frente do referido lugar, porém não sabia o que estava escrito por que não sabia ler e quando ela conseguiu foi como se ela tivesse tido a própria liberdade, quando ela estava contando essa história foi visível a sua emoção. E os professores atuantes da EJA devem levar o seu exercício didático com muita esperança e persistência, além do que reverter essa complexa situação quanto ao ensino de leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos por isso cito Albuquerque et al (2010, pg. 14) que diz: *entender a relação entre alfabetização e letramento é fundamental para que possamos construir práticas construtivas e efetivas*

*de ensino da leitura e da escrita em turmas da Educação de Jovens e Adultos.* As professoras trabalharam com um pequeno texto onde tinham que identificar a escrita de algumas frases, eles trabalham sempre em duplas e ao final da atividade tinham que encenar uma espécie de peça de teatro com a referida história da atividade.

Ao longo dos dias os alunos adquiriram um ritmo mais acelerado quanto à resolução das tarefas e foi notada a chegada de um aluno com deficiência visual que se sentou ao lado da professora e assim recebendo uma atenção especial por parte dela. Vi a exaustão da professora no trabalho com esse aluno que necessitava de uma aula própria para indivíduos com esse tipo de necessidade, estando nesse trabalho direto ela acabou deixando de lado os outros alunos que dependiam dela tanto quanto este aluno com deficiência visual. E nesta sala duas professoras assumiam a turma, porém apenas uma havia comparecido. A atividade foi realizada em dupla. Anteriormente eles fizeram o alfabeto cursivo e o alfabeto em forma. O exercício era passar as palavras com letra de forma para a forma cursiva. Com alunos trabalhando em dupla era visível que um aluno ajudava o outro, e a todo o momento a professora tentava manter contato com os alunos, ela estava sempre se comunicando com eles seja com assuntos ligados a atividade ou com outros assuntos.

Nesse momento de contato ela pediu para que eles comprassem um caderno de caligrafia para que os ajudasse a escrever melhor. Foi visível que a professora estava muito cansada e que precisava da ajuda de alguém na execução das tarefas. No primeiro momento ela ministrou uma aula sobre o alfabeto e no momento da atividade eles precisavam da ajuda dela o tempo todo, além do aluno com deficiência visual que precisava de uma atenção especial. O meu trabalho ali era apenas de observação e eu tinha que estar muito atento a tudo que acontecia na aula, na atitude da professora em sala de aula e no comportamento dos alunos perante as atividades propostas pela professora, porém em alguns momentos eu ajudava os alunos nas tarefas. Por isso concordo com Gonçalves (2011, Pg. 47) ao considerar que o pesquisador não é neutro.

Nos dias seguintes da observação as professoras deram ênfase em atividades de leitura com ênfase nas sílabas, novamente elas colocaram os alunos em dupla e dividiram a sala. O trabalho de ambas foi facilitado por conta disso, a aula das professoras foi ótimo na atividade com as sílabas por que elas deram ênfase ao som emitido de cada sílaba que estava na atividade, várias vezes elas repetiam o som de cada sílaba e fazia com que eles repetissem e foi visível que isso facilitou na atividade dos alunos.

Dentro da proposta do eixo tínhamos que realizar entrevista com as professoras, no momento da entrevista apenas uma pode participar, uma ficou tomando conta da turma enquanto que a outra participou da entrevista. A professora entrevistada manifestou desejo de conhecer as perguntas da entrevista previamente. A entrevista foi rápida por conta do pouco tempo que ela tinha em função dela ter que retornar para sala de aula. Através da entrevista foi possível perceber que a professora faz uso das ideias de Vygotsky, porém utilizando-as de forma natural sem ligá-las ao nome do autor. Claramente elas usam as ideias e os conceitos de Emilia Ferrero, Ana Teberosky e Paulo Freire. Nesse sentido tomo como referência Gonçalves (2011, Pg. 63) que afirma: *ao buscar um olhar plural sobre o objeto de pesquisa, entretanto, certamente será possível perceber os limites de uma única teoria de apoio para análise.*

Nas aulas seguintes as professoras intensificaram a escrita no caderno de caligrafia melhorando significativamente a escrita dos alunos. Foi uma surpresa muito agradável quando eu vi o quanto eles evoluíram na escrita, os alunos estavam escrevendo com caderno de caligrafia, e foi notório o quanto melhorou a escrita deles. As professoras os estavam preparando para as provas que estavam próximas.

No final da atividade confesso ter me identificado com o trabalho que fiz na Educação de Jovens e Adultos, do prazer que me deu ao longo e ao final do trabalho, tudo foi novo e gratificante para mim. Antes de ir tinha receio do que eu iria encontrar, mas na verdade eu tive uma grata surpresa. São alunos sedentos por aprender, saem cansados de seus respectivos trabalhos e se dirigem a escola com muito vigor, isso é motivador para qualquer docente, no caso das professoras que acompanhei vi um cansaço permanente, porém isso não impedia que elas deixassem os alunos ao léu quanto ao ensino dos mesmos. Senti um envolvimento muito grande com esses alunos, por isso concordo com Pimenta que diz: *A educação é um processo de humanização* (1997, Pg. 8).

## **ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

No segundo semestre de 2014 iniciou-se o último semestre de conclusão do curso e diferente dos outros estágios obrigatórios onde teríamos que ficar em uma turma de Educação Infantil, desta vez tivemos que ir para alguma turma da Educação de Jovens e Adultos, confesso que fiquei muito feliz com isso por que a minha experiência anterior na EJA foi muito rica e gratificante para mim não só como futuro professor mas como pessoa.

E por essa imediata identificação com o trabalho feito na Educação de Jovens e Adultos concordo com Pimenta quando diz:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir das significações sociais da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Como, também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas (1997, Pg. 7).

Primeiramente eu tentei fazer o estágio na Escola Orlando Bitar onde eu tinha feito um trabalho anterior com a turma e como eu já os conhecia seria mais fácil para mim realizar futuros trabalhos enquanto estivesse no estágio. Não deu certo por falta de turmas, inclusive a sala que eu tinha feito o trabalho já possuía um estagiário. Não consegui ficar desapontado porque eu passaria a ter oportunidade de trabalhar com uma nova turma de EJA, alunos com outras histórias, com outras dificuldades, com outras especificidades. Faço uma reflexão sobre o que diz Pimenta & Lima (pg. 6, 2007): *A profissão docente é uma prática social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino.*

Consegui estagiar em uma turma da Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Josino Viana, que fica do lado da minha casa e isso facilitou muito o meu trabalho em todos os sentidos. A turma tem em média 15 alunos, a professora curiosamente adota um estilo muito parecido com as professoras da Escola Orlando Bitar. Ela tem uma postura extremamente tranquila e paciente com todos os alunos. Sempre dá oportunidade de voz a seus alunos e isso é muito interessante por que nota-se que os alunos ficam a vontade e motivados durante as atividades propostas pela professora. Nessa postura das professoras da EJA eu aprendi muito desde, me portar perante aos alunos como também no desenvolvimento das atividades do dia.

Logo no início das atividades eu propus para a professora que poderíamos trabalhar sobre o tema das Eleições, já que estava bem próximo. Eu tive essa ideia por que na experiência anterior com a EJA vi que é transmitido apenas o conteúdo em nenhum momento vi as professoras instigarem os alunos a refletirem sobre os fatos do dia a dia e omitir opiniões sobre isso. Gostaria de ver uma roda de conversa sobre o que eles achavam sobre política, por exemplo, porém no trabalho que eu fiz na Escola Orlando Bitar tive apenas que analisar o trabalho da professora e não fazer intervenções, só quando necessário.

Através desta questão de ter uma postura ativa quanto à cidadania cito Sérgio Haddad que diz:

A cidadania ativa requer a participação na esfera pública, portanto, a relação com outros atores, com interesses divergentes e diversos. Tem como base o respeito em relação às diferenças e a superação das desigualdades sociais, bem como a capacidade de dialogar, buscar consensos que privilegiem a maioria dos envolvidos, ou, num sentido mais amplo, o bem comum. Tal processo não é fácil de ser produzido, dado o emaranhado de interesses e a necessidade de construção de uma outra cultura de solidariedade (2003, pg. 02).

Desta vez seria diferente já que eu estaria atuando como estagiário. Dei a ideia para a professora e ela ficou muito entusiasmada e no outro dia ela já tinha feito todo um projeto sobre isso, fiquei muito surpreso e feliz com isso. Fizemos uma roda de conversa para saber qual a perspectiva dos alunos sobre as Eleições, e ouvimos diferentes respostas, todas de cunho pessimista. Estes dois lados da questão – aprender a ouvir os alunos e aprender a fazer da escola um lugar no qual seja possível ouvir os alunos – devem ser olhados como inseparáveis (SCHON 1992, pg. 10). Foi unânime, nenhum dos alunos acreditam nos políticos que são candidatos atualmente, votam por votar e pela maioria morar em áreas periféricas eles relataram varias historias de políticos que compram votos, quase a maioria contou que candidatos trocam cestas básicas, vagas de emprego, dinheiro entre outros por voto, isso pode parecer obvio mas na verdade é muito irritante saber de tudo isso.

Através desta primeira experiência faço uma conexão com Freire que diz:

Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando as experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação. Vale dizer, uma educação que longe de se identificar com o novo clima para ajudar o esforço de democratização, intensifique a nossa inexperiência democrática, alimentando-a (1999, Pg.93).

Depois desta roda de conversa separamos a sala em três grupos onde eles tinham que escolher um candidato a Governador e a Vice Governador, a professora e eu queríamos que os alunos sentissem o que era uma eleição, eles tiveram que fazer os planos de governo, confeccionar cartazes, produzir uma música para ajudar na campanha, posteriormente os candidatos iriam participar de um debate e por fim a votação.

Esse foi um dos projetos mais interessantes que fiz nesses quatro anos de faculdade, vi que a professora se entregou neste projeto e os alunos souberam aproveitar de maneira muito positiva, eles não se sentiram com dificuldades por que esse tema não é muito distante deles. Política é algo que está inserido no nosso dia-a-dia mesmo que a gente não queira ter nenhuma relação com assunto, mas o projeto foi muito importante principalmente por que eu tive alguém que acreditou em uma ideia que eu tinha de ensino, de algo que poderia edificar esses alunos de maneira critica e cidadã. A mudança educacional depende dos professores e da sua formação. Depende também da transformação das práticas pedagógicas na sala de aula. (NOVOA. 1992, pg. 17).

Eu enquanto graduando me identifiquei muito com a Educação de Jovens e Adultos por que a comunicação é de igual para igual, são pessoas que não se diferem muito do que eu sou, diferentemente de uma criança, quanto à educação infantil eu tenho uma opinião bem pessoal, vejo que você tem que não só transmitir conteúdo, mas também transmitir questões de comportamento.

Com os alunos da Educação de Jovens e Adultos quando preciso você também precisa passar lições de ordem comportamental, mas de outra maneira, analiso que eles te enxergam como um amigo que está ali para ajuda-los. O trabalho com os alunos da EJA necessita de um suporte emocional muito grande em função dos alunos apresentarem grandes dificuldades de aprendizado, talvez por terem estado anos sem estudar, ou também por saírem do trabalho e irem direto para a escola muitas vezes já cansados.

Na docência com eles temos que levar em consideração tudo isso, às vezes sinto eles um pouco constrangidos, mas muito esperançosos em aprender, com isso cito Freire que diz: *o meu respeito de professor á pessoa do educando, á sua curiosidade, á sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância.*

Aprendo muito a cada dia, já encontrei alunos de diferentes tipos, alunos que são Feirantes, um deles trabalha no Ver-o-Peso e começa o seu expediente de trabalho ás 4 da manhã, retorna para casa a tarde e a noite vai para escola, que força de vontade admirável. Alunas que trabalham em casas de família e que possuem um expediente de trabalho tão exaustivo como. E cada um dos alunos traz essa rica experiência que logicamente me agrega muito.

Não consigo definir como o estágio na Educação de Jovens e Adultos me modificou enquanto graduando e futuro professor, senti que devo seguir em frente em

projetos e pesquisas para essa área que a meu ver continua deficiente, além do verdadeiro amor em trabalhar com esses alunos que se tornaram tão especiais para mim. Com essa busca incessante para encontrar a nós mesmos, ter me identificado com o trabalho na Educação de Jovens e Adultos, através da motivação que eu tive em trabalhar com esses alunos me fez crer em mim mesmo quanto educador então por isso reforço minha reflexão citando Gonçalves (2011, Pg. 53) quando afirma: *Na busca dessa completude, entretanto, o profissional vai progressivamente se desenvolvendo como tal e como pessoa humana.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a reflexão de lembranças pessoais e de atividades que fiz ao longo da graduação, vi o quanto este tempo agregou para a minha formação em todos os sentidos. E que levarei todas essas experiências vividas no curso para sempre comigo. Quando eu iniciei as minhas atividades na graduação eu não tinha base alguma, ou estrutura quanto pedagógica quanto emocional. Trazer nas lembranças experiências pessoais me ajudou a ter sensibilidade enquanto docente, acredito que um professor deve usar a sua sensibilidade ao lidar com difíceis situações encontradas ao longo do seu dia-a-dia em sala de aula. Através das leituras, através dos trabalhos, através de pesquisas, através dos estágios obrigatórios, etc. até mesmo as controvérsias que encontrei na graduação me fizeram refletir em que caminhos devo recusar seguir, e até mesmo o tipo de professor que não quero ser.

Quanto à graduação foi agregadora para mim, sei que o caminho para a minha construção docente ainda possui um longo tempo para se constituir, através de uma metodologia ousada e diferenciada o curso Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens me deu subsídios para trabalhar frente ao problemático cenário da educação no Brasil. Sendo a esperança um grande fio condutor neste trabalho contínuo e diário.

## **REFERENCIAS**

CHAVES, Sílvia Nogueira, BRITO, Maria dos Remédios (Org.). Formação e docência: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica- Belém: CEJUP, 2011. Terezinha Valim Gonçalves: A Pesquisa Narrativa e a Formação de Professores: Reflexões Sobre uma Prática Formadora. Elizeu Clementino de Souza: Memória, (Auto) Biografia e Formação.

DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SCHÖN Donald A. In: NÓVOA, Antônio. Os professores e sua formação. Dom Quixote, Lisboa, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários á pratica educativa/ Paulo Freire. –São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999

GHEDIN, E. et al. Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

HADDAD, Sérgio. Educação de Jovens e Adultos, a promoção da cidadania ativa e o desenvolvimento de uma consciência e uma cultura de paz e direitos humanos. Mimeo, 2003.

JOSSO, M. C. *Caminhar para si*. Tradução- Albino Pozzer; Coord. Maria Helena Barreto Abrahão – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LEAL, Telma Ferraz, ALBUQUERQUE Eliana Borges Correia de, MORAIS Artur Gomes de. Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. – (Coleção Estudos em EJA). A relação entre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos: questões conceituais e seus reflexos nas práticas de ensino e nos livros didáticos. Eliana Borges Correia de Albuquerque. Artur Gomes de Moraes. Andréia Tereza Brito Ferreira

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. São Paulo: Loyola, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. FORMAÇÃO DE PROFESSORES - SABERES DA DOCÊNCIA E IDENTIDADE DO PROFESSOR. Nuances- Vol. III- Setembro de 1997.

PIMENTA, Selma Garrida; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. São Paulo: Cortez, 2007.

TOMAZ, Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.